

Trabalhos Científicos

Título: Comparação Da Incidência, Letalidade E Perfil Socioeconômico Dos Casos De Sífilis Congênita No Brasil Nos Anos De 2002, 2012 E 2022.

Autores: LUARA MARTINS KLOKNER (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA), LEONARDO DE CARVALHO ARAÚJO (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA), MARIA FERNANDA CONTE BERNHARDT (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA)

Resumo: A sífilis congênita (SC), a qual vem aumentando no país, é uma doença de transmissão vertical prevenível com tratamento da sífilis durante a gestação e que pode causar prejuízos no período pré e pós-natal, incluindo aborto, prematuridade e malformações. Verificar a existência da relação entre faixa etária, condições socioeconômicas da mãe e taxa de realização de pré-natal com a ocorrência de SC, bem como as taxas de incidência e letalidade da SC no país, comparando os anos de 2002, 2012 e 2022. Estudo epidemiológico, ecológico e descritivo com abordagem quantitativa sobre os casos de SC no Brasil nos anos de 2002, 2012 e 2022, com base nos dados do SIM, SINAN e SINASC. As variáveis analisadas foram faixa etária e escolaridade da mãe, realização de pré-natal, taxa de incidência e letalidade. A idade média das mães brasileiras, no geral, aumentou, ao longo dos anos analisados (24,80, 25,92 e 27,95 nos anos de 2002, 2012 e 2022 respectivamente), enquanto a idade médias das mães que tiveram filhos com SC se manteve similar nos três anos (25,20, 24,69 e 24,70). Já a escolaridade de ambos os grupos aumentou nos três anos, porém ainda existe uma defasagem na média de anos estudos por mães que tiveram filhos com SC em 2002, 2021 e 2022 (4,24, 7,19 e 9,26) em relação a média geral (7,06, 9,08 e 10,17). Em 2002, apenas 3,77% das gestantes não tiveram acesso ao pré-natal, porcentagem que diminuiu ao longo dos anos de 2012 e 2022 (3,01% e 1,50%, respectivamente), cenário este que não esse refletiu no número de gestantes que tiveram filhos com SC no país (16,72, 22,08 e 13,14). A incidência de SC nos anos analisados aumentou alarmantemente (44,29, 126,35 e 267,95 a cada 1.000 nascidos vivos nos anos de 2002, 2012 e 2022, respectivamente), já a letalidade apresentou uma queda no mesmo período (2,68, 1,36 e 0,83 a cada 100 nascidos vivos, respectivamente). Portanto, as mães que tiveram filhos com SC ainda possuem menor escolaridade e, conforme esperado, foi observado uma relação de maior ocorrência de SC em filhos de mulheres que não realizaram pré-natal, o que denota a importância do diagnóstico e tratamento da sífilis durante a gestação. Ainda, percebe-se um aumento na incidência e uma diminuição na letalidade graças aos avanços tecnológicos e diagnósticos, bem como o aumento da cobertura do pré-natal. Assim, conforme demonstrado nesse estudo, a SC é um grave problema de saúde que pode gerar consequências alarmantes no âmbito coletivo, mas também na esfera individual, para a saúde e desenvolvimento da criança diagnosticada com SC.